



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE E PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PSICOLOGIA

ANAIS DO I SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE DA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UFPA.

PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA.

BELÉM, PARÁ – 26 e 27.11.2015.

*Anais do I Simpósio de Psicanálise do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFPA – Psicanálise: Clínica e Cultura. Belém, Pará - 26 e 27.11.2015.*

Prof. Dr. Carlos Edilson de Almeida Maneschy  
Reitor da UFPA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Harada.  
Pro-Reitora de Ensino de Graduação

Prof<sup>a</sup>. Dr. Nelson José de Souza Jr.  
Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Prof. Ms. Eunice Guedes.  
Diretor da Faculdade de Psicologia

Prof<sup>a</sup> Dra. Mileni Maria Xavier Veloso.  
Vice-diretora da Faculdade de Psicologia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Adelma Pimentel.  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**COORDENAÇÃO GERAL**

Doutoranda Roseane Torres de Madeiro.  
Doutorando Ronildo Deividu Costa da Silva.  
Doutoranda Arlene Mara de Sousa Dias.  
Mestranda Paula Affonso de Oliveira.

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Doutoranda Roseane Torres de Madeiro.  
Doutorando Ronildo Deividu Costa da Silva.  
Doutoranda Arlene Mara de Sousa Dias.  
Mestranda Paula Affonso de Oliveira.  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Roseane Freitas Nicolau.  
Prof. Dr. Mauricio Rodrigues de Souza.  
Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves.  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira.  
Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli.

**SECRETARIA**

Tânia Mara de Melo Souto.  
Maria Francisca Brandão da Silva.  
Raíssa Bruna Ventura dos Santos.  
Raissa Christina de Souza Santos.

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Doutoranda Roseane Torres de Madeiro.  
Doutorando Ronildo Deividu Costa da Silva.  
Doutoranda Arlene Mara de Sousa Dias.  
Mestranda Paula Affonso de Oliveira.  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Roseane Freitas Nicolau.  
Prof. Dr. Mauricio Rodrigues de Souza.  
Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves.  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira.

## **APRESENTAÇÃO**

O I Simpósio de Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia foi realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2015 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Organizado pelos discentes da linha de pesquisa “Psicanálise, teoria e clínica” do PPGP, o evento visou promover um espaço de debate das pesquisas realizadas ou em realização na referida linha, assim como promover uma articulação entre graduação e pós-graduação no que se refere à produção acadêmica em Psicanálise na nossa Universidade e em outras Instituições de Ensino Superior.

O tema proposto, “Psicanálise: Clínica e Cultura” permitiu congregiar discussões que tomam o discurso psicanalítico como ferramenta conceitual na análise dos mais diversos assuntos, mantendo em vista a formação de pesquisadores comprometidos socialmente com a valorização do saber produzido em nossa região.

Neste primeiro ano, o Simpósio contou com 150 participantes inscritos, que tiveram acesso a atividades simultâneas realizadas no auditório do IFCH, sala de aula do PPGP e sala 15 do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. A programação contou com quatro conferências, ministradas por docentes da linha de pesquisa, 10 mesas-redondas, cada uma composta por três trabalhos, e a exposição de 14 painéis científicos. Também houve venda e lançamento de livros de docentes e discentes do PPGP.

Assim agradecemos a todos os envolvidos e esperamos em breve poder realizar nosso próximo simpósio novamente com a participação de todos.

Atenciosamente,

**Comissão Organizadora.**

## PROGRAMAÇÃO

**26 de novembro de 2015 – Quinta-feira.**

**9h – 10h**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Conferência de abertura: PSICANÁLISE, INSTITUIÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE.**

- Profa Dra. Roseane Freitas Nicolau (PPGP/UFPA)

**10h30-12h**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Conferência: O SEXUAL E A VERDADE DO SUJEITO.**

- Paulo Roberto Ceccarelli (PUC/MG e PPGP/UFPA)

**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E O LIAME: ENLACES E PROVOCAÇÕES** (Coordenação: Danielle Carvalho Ramos)

***Sintomatear: produção sintomática nos meandros do aleitamento materno***

- Danielle Carvalho Ramos (Mestre pelo PPGP)

**A presença do analista nas instituições**

- Susette Matos da Silva (Mestre pelo PPGP e Docente da ESAMAZ)

**Que lugar para a religião dentro de uma instituição jurídica?**

- Roseane Torres Madeiro (Doutoranda do PPGP e Docente da ESAMAZ)

**14h-15h30**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E DIREITO: O CAMPO DA SEXUALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES JURÍDICAS** (Coordenação: Roseane Torres de Madeiro).

***Verdades e verdades: uma análise do filme “A caça”.***

– Roseane Torres de Madeiro (Doutoranda do PPGP/UFPA) e Roseane Freitas Nicolau (PPGP/UFPA).

**O recalque da sexualidade infantil no cenário do abuso sexual.**

– Ozilea Souza Costa (Mestre em Psicologia/UFPA) e Roseane Freitas Nicolau (PPGP/UFPA).

**Trauma e sedução diante das “falsas” memórias de abuso sexual na alienação parental: considerações a partir de Freud e Laplanche.**

– Arlene Mara de Sousa Dias (Psicóloga, Advogada e Doutoranda do PPGP/UFPA) e Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA).

**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Mesa-redonda: PULSÃO, ILUSÃO E CULTURA** (Coordenação: Márcia Cristina Santos de Souza)

**Medicalização da infância: uma ilusão de estatuto divino.**

– Márcia Cristina Santos de Souza (Mestranda do PPGP/UFPA)

**Trilhas da existência: um ensaio sobre a função estruturante da ilusão.**

– Franklin Deyvys Gomes da Silva (Mestrando do PPGP/UFPA)

**A ilusão no amor romântico.**

– Milla Maria de Carvalho Dias Vieira (Mestranda do PPGP/UFPA)

**SALA 15 DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**Mesa-redonda: MITO, SEXUALIDADE E CULTURA** (Coordenação: Fúvio Roberto Farias da Silva)

**Narciso e eco: sobre uma análise mítica do autismo**

– Fúvio Roberto Farias da Silva (Mestrando do PPGP/UFPA)

**Afrodite, de prostituta à deusa do amor**

– Maria do Rosário de Castro Travassos (Mestre em Psicologia/UFPA)

**Quantas Evas a aids infectou?**

– Ocilene Fernandes Barreto (Mestre em Psicologia/UFPA)

**15h30-16h30**

**CORREDOR DO PPGP E FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**EXPOSIÇÃO DE PAINÉIS CIENTÍFICOS:**

**1. A crônica e a casa assassinada: o discurso da feminilidade freudiana em Lúcio Cardoso.**

Glleyce Clivia Vinagre Santos, Jessica Samantha. Lira Da Costa e João Paulo Cordeiro Ferreira

**2. A psicanálise freudiana e a perversão sexual: fetichismo.**

Priscila Carvalho de Carvalho, Tainá Albuquerque Bicelli e Vivian Rodrigues Silva

**3. A questão da lei na psicanálise e no direito: divergências entre os saberes.**

Daniele Tremura, Camila Moraes e Débora Pinto

**4. Entre a serpente e a estrela: discussões sobre feminilidade em Freud.**

Hellen Cristina Queiroz de Freitas, Hilda Cristina Queiroz de Freitas e Letícia Silva Madonado Cunha

**5. O lugar da criança na clínica psicanalítica: um olhar Kleiniano.**

Luan Sampaio Silva

**6. O nível superior e seus conflitos: a fotografia como mediadora da fala.**

Adrielle Santa Rosa do Rosário, Anne Caroline Sousa e Souza, Ciro Cesar da Silva Lopes, Fernanda Cybelle Gomes Sena, Maíra de Maria Pires Ferraz, Maria Izabel da Cunha Araújo, Patricia do Socorro Daibes Oliveira, Raissa Bruna Ventura dos Santos e Suzana Souza Pastori

**SALA 1 DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VENDA DE LIVROS

**16h30-18h**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Mesa-redonda: FREUD, CONFLITO E CULTURA: APROXIMAÇÕES** (Coordenação: Maurício Rodrigues de Souza).

**Alteridade em Foco: notas para um debate entre psicanálise e ciências humanas.**

- Maurício Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA).

**Violência e Cultura no Pensamento Freudiano.**

- Luciana Norat Coelho (Mestre em Psicologia pelo PPGP/UFPA) e Mauricio Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA)

**Literatura de Autoajuda, Sugestão e Contemporaneidade: uma leitura psicanalítica.**

- Mateus Abreu Pereira (Graduando em Psicologia e Bolsista PIBIC/UFPA) e Mauricio Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA)

**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Mesa-redonda: O FEMININO NA PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE, O GÊNERO E A MULHER** (Coordenação: Paula Affonso de Oliveira)

**Do “negativo do masculino” às origens da sexualidade: reflexões acerca do feminino.**

- Paula Affonso de Oliveira (Mestranda do PPGP)

**A princesa, o gênero e o desamparo.**

- Ocilene Fernandes Barreto (Mestre pelo PPGP)

**Zumira em ruínas: considerações sobre o diagnóstico da aids em mulheres.**

- Bárbara Araújo Sordi. (Mestre pelo PPGP e Docente da UNAMA)

**27 de novembro de 2015 – Sexta-feira.**

**9h-10h30**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Mesa- redonda: POTÊNCIAS ÉTICAS E POLÍTICAS DA PSICANÁLISE EM UMA ERA TOTALITÁRIA** (Coordenação: Ronildo Deivid Costa da Silva).

**Seria a psicanálise uma “educação para o conformismo”?**

- Ronildo Deivid Costa da Silva (Doutorando do PPGP)

**Gênero e psicanálise: entre a possibilidade e a necessidade.**

- Paula Affonso de Oliveira (Mestranda do PPGP)

**“Tomboy”: reflexões psicanalíticas sobre a constituição da transexualidade masculina.**

- Alan Caldas da Cunha. (Mestrando em Psicanálise da Universidad Argentina Kennedy)

**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Mesa-redonda: A PULSÃO E SEUS DESTINOS NA CLÍNICA DO AUTISMO** (Coordenação: Roseane Torres de Madeiro).

**Autismo e o circuito pulsional: o assujeitar-se do sujeito**

- Roseane Torres de Madeiro (Doutoranda do PPGP e Docente da ESAMAZ), Ingrid Figueiredo Ventura (Doutoranda PUC/SP) e Roseane Freitas Nicolau (PPPG/UFPA).

**A pulsão e seu circuito: entrelaçamento e possibilidades.**

- Franklin Deyvid Silva (Mestrando do PPGP)

**Do som às palavras: o que falha no autismo**

- Marcela Maria de Paiva Azevedo (Mestranda PPGP)

**SALA 15 DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL: CONSTRUÇÕES SOBRE UMA PRÁTICA POSSÍVEL.** (Coordenação: Susette Matos da Silva)

**Sobre os efeitos da violência de um discurso**

- Susette Matos da Silva (Mestre em Psicologia pelo PPGP e Docente da ESAMAZ)

**Por uma prática em saúde mental que não prescindia do subjetivo**

- Fúvio Roberto Farias da Silva (Mestrando em Psicologia do PPGP)

**Saúde mental na interface entre a clínica e a cultura**

- Sonia Cardoso Nascimento (Psicóloga em Portel, Marajó, SUAS)

**10h30-12h**

**CORREDOR DO PPGP E FACULDADE DE PSICOLOGIA**

EXPOSIÇÃO DE PAINÉIS CIENTÍFICOS

**7. Os efeitos subjetivos do diagnóstico de autismo e sua interferência no tratamento.**

Anna Carolina Tavares Braga Damasceno, Rafaela Frazão de Souza e Profa. Dra. Roseane Freitas Nicolau

**8. Psicanálise e música: o inseparável sentimento de culpa.**

Joyce Naomy de Moura Konno, Aila Bianca Lima Silva e Roseane Torres de Madeiro

**9. Sobre um olhar para a psicose na perspectiva freudiana**

Luan Sampaio Silva

**10. Discursos sobre a aparência dos filhos negros: mães quilombolas, psicanálise e cultura.**

Willivane Ferreira de Mello

**11. Juventude e sexualidade – o papel do outro para a construção da subjetividade, em Winnicott.**

Caroline Pinheiro Lobato

**SALA 1 DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VENDA DE LIVROS

**14h-15h30**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Conferência: PSICANÁLISE, ANTROPOLOGIA E ALTERIDADE.**

- Maurício Rodrigues de Souza (PPGP/UFPA)



**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Exibição e debate do documentário: *O SILÊNCIO QUE FALA* de Mirian Chnaiderman.**

**Coordenação:** Marcela Maria de Paiva Azevedo (Mestranda do PPGP)

**SALA 15 DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**Mesa-redonda: CONEXÕES VIRTUAIS: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS NA ATUALIDADE**  
(Coordenação: Paulo Roberto Ceccarelli)

**O advento da internet e suas influências na pornografia. Notas psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais.**

– Alberto Ribeiro Neto (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA)

**Realidade virtual x Realidade psíquica.**

– Gessé Duque Ferreira Oliveira (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA)

**O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais.**

– Robenilson Moura Barreto (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA).

**15h30-16h**

**SALA DE AULA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Lançamento, Sessão de autógrafos e venda de livros:**

**Freud, literatura, artes e artistas.**

Autor: Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves.

**Experiência do outro, estranhamento de si: dimensões da alteridade em antropologia e psicanálise.**

Autor: Prof. Dr. Mauricio Rodrigues de Souza.

**Transsexualidades.**

Autor: Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli.

**As Barricadas do desejo na constituição da subjetividade: um estudo sobre o poder e a melancolia**

Autor: Doutorando Ronildo Deividy Costa da Silva.

**16h-17h30**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Conferência: Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves.**

**Tema: O paradigma estético em Freud.**

**17h30 – 18hs.**

**AUDITÓRIO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Encerramento.**

Profa. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira.

## **MESAS REDONDAS**

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E O LIAME: ENLACES E PROVOCAÇÕES**  
(Coordenação: Susette Matos da Silva)

A mesa propõe discutir três diferentes temáticas que tangenciam, em pontos diversos, a provocação psicanalítica quanto ao lugar destinado ao sujeito, recorrendo, cada uma a seu modo, à concepção de discurso trazida por Jacques Lacan. O discurso, ainda que não consista no tema central dos três trabalhos, coloca-se, todavia, justamente como o liame que os enlaça e os costura nas discussões propostas. Seja para indagar a presença do discurso religioso em instituição jurídica de acolhimento infantil, seja para problematizar o discurso do aleitamento exclusivo como produção sintomática em potencial, ou mesmo para promover reflexões acerca da própria psicanálise enquanto discurso – que, também nas instituições, promove o giro dos demais –, a mesa situa um ponto central: há um sujeito dividido que, pela psicanálise, e somente por ela, é incluído na cena discursiva; e, nesse lugar, o mal-estar que o atravessa tem possibilidade de, despojando-se de mordanças imputadas pela ética do bem-estar, fazer-se então ouvir pela ética do bem-dizer. Assim, a presença-corpo do analista em espaços institucionais é investigada a partir da clínica borromeana; a religião é discutida e problematizada na medida em que se coloca como forma interventiva de trabalho em uma unidade jurídica de acolhimento; e, por fim, uma amamentação sintomática é situada entre o gozo e angústia quando o ideal da maternidade se sobrepõe ao sujeito.

## **A presença do analista nas instituições**

- Susette Matos da Silva (Mestre pelo PPGP e Docente da ESAMAZ)

Sabemos da originalidade e importância das proposições trazidas por Lacan no Seminário Livro 17 para articularmos o fazer do psicanalista nos demais contextos e para além das quatro paredes de um consultório. Com a teoria dos discursos que fazem laço social – os discursos do Universitário, do Analista, do Mestre e da Histórica –, Lacan traz a ideia de giro em quarto de volta como possibilidade de fazer algo acontecer, de que algo se movimenta na posição discursiva dos sujeitos, fazendo abertura para outros saberes. Com isto, tais construções nos permitem pensar e situar o discurso da psicanálise nas instituições, fazendo-o circular *entre os muitos* desta, afirmando assim a possibilidade de fazer uso da psicanálise nos diversos contextos sociais. Mas poderíamos também tirar consequências teóricas e clínicas para as intervenções do psicanalista em instituição com o último ensino de Lacan? Com a clínica borromeana ou do nó, o imaginário deixa de ser articulado como um registro primitivo a ser ultrapassado rumo ao simbólico, afirmando-se agora um enodamento dos três registros – Imaginário, Simbólico e Real. Assim, não se espera mais pela abertura do inconsciente; opera-se com a palavra, silêncio, interpretação, corpo. Neste sentido, o que dizer da presença-corpo do analista nestes lugares? Estas são algumas questões a debater neste trabalho.

Palavras-chave: discurso psicanalítico; instituição; clínica borromeana.

## **Que lugar para a religião dentro de uma instituição jurídica?**

- Roseane Torres Madeiro (Doutoranda do PPGP e Docente da ESAMAZ)

Este trabalho pretende discutir a presença do discurso religioso em uma instituição jurídica, a qual possui um funcionamento ordenado não somente pelo seu caráter legal, mas igualmente pelo dispositivo da religião. Trata-se de um serviço de acolhimento infantil, previsto legalmente enquanto medida protetiva, que acolhe crianças violadas em seus direitos. Observou-se que nesta instituição, a religião não apenas compõe a rotina da mesma, mas também aparece no manejo dos trabalhadores junto aos acolhidos, como um modo de intervenção junto aos mesmos. Desta forma, pretende-se problematizar o uso do discurso religioso como forma de tratar o mal estar que se faz presente no âmbito institucional e jurídico. Neste contexto, recorro ao saber da psicanálise que em muito se debruçou sobre a religião, desde o percurso pessoal de Freud neste sentido, bem como dos diversos textos em que ele tratou da questão da religião, para problematizar tais modos de intervenção a partir do estatuto da falta. A falta a que se refere a psicanálise é considerada como constitutiva para todo o ser da fala, proveniente da operação de castração do sujeito, onde desta operação surge um resto, um buraco que mobiliza os sujeitos a se esmerarem na tentativa de encobrir esta falta que os constitui, no anseio pela completude.

Palavras-chave: psicanálise; religião; instituição jurídica.

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E DIREITO: O CAMPO DA SEXUALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES JURÍDICAS** (Coordenação: Roseane Torres de Madeiro).

A proposta da presente mesa é fomentar um debate entre trabalhos que discutem a crucial vizinhança entre as disciplinas Psicanálise e Direito. Neste amplo universo de possibilidades, as temáticas propostas para tal discussão giram em torno da questão da sexualidade e da posição do sujeito diante de casos em que há a presença de alguma violação desta ordem. Para tanto, iremos tratar o distanciamento entre verdade do inconsciente pensada pelo campo da Psicanálise e a verdade proposta pelo campo jurídico na esfera da violação de direito sexual; bem como a atuação do recalque na ordem da sexualidade em casos de abuso sexual; e por fim das noções de trauma e sedução relacionadas às “falsas” memórias em casos de alienação parental. A partir de todas as reflexões trazidas, podemos tirar enquanto uma consequência desta interface entre Psicanálise e Direito que o lugar que a cultura oferece para o campo da sexualidade, bem como a posição do sujeito diante da mesma, são questões que precisam ser trabalhadas pelos psicanalistas que atuam no campo jurídico, visto que muitas das demandas que o campo jurídico traz para o campo da Psicanálise estão atreladas a questão do sexual. Lembremos que através de Freud a sexualidade passou a ser questionada no âmbito da cultura, pois ainda que possamos afirmar que nos dias atuais ela se constitui enquanto um tabu, nos tempos de Freud em Viena, este tema se encontrava ainda mais velado. Concluimos, portanto que para avançarmos nestas questões, é preciso debruçarmo-nos cada vez mais sobre elas, e a relação Psicanálise e Direito parece ser um palco pertinente para tanto.

**Verdades e verdades: uma análise do filme “A caça”.**

– Roseane Torres de Madeiro (Doutoranda do PPGP/UFPA) e Roseane Freitas Nicolau (PPGP/UFPA).

Este trabalho tem como objetivo discutir a noção de verdade a partir da interface entre os campos da psicanálise e o jurídico. Para tanto, toma-se como referência o filme dinamarquês “A caça” (Jagten) de 2012, dirigido por Thomas Vinterberg, o qual conta a história de um professor (Lucas) de uma escola de educação infantil que foi acusado de praticar crime sexual com crianças da escola. A partir da trama do filme, foi possível observar que cada campo de saber dispõe de uma verdade, seja ela jurídica ou psíquica. O campo do direito, por exemplo, busca a verdade pela via do inquérito, da constatação, da comprovação de uma verdade jurídica. Em psicanálise, a verdade se situa no nível do inconsciente, para Freud em relação direta com a fantasia e para Lacan com o campo do real. Podemos extrair disto o fato de que é possível a relação de fantasias amorosas se misturarem com a concepção de crimes sexuais. Assim, a psicanálise pode trazer uma contribuição, ao apontar para a necessidade de se escutar a verdade uma a uma, ainda que impere no campo jurídico as leis universais e totalizadoras. O impasse está em que a busca pela verdade não pode seguir sempre a mesma trilha, visto que há verdades e *verdades* no universo dos discursos.

Palavras-Chave: Psicanálise; Direito; Verdade jurídica; Verdade psíquica.

### **O recalque da sexualidade infantil no cenário do abuso sexual.**

– Ozilea Souza Costa (Mestre em Psicologia/UFPA) e Roseane Freitas Nicolau (PPGP/UFPA).

O presente trabalho tem como objetivo questionar o recalque da sexualidade infantil diante do abuso sexual a partir da contribuição da psicanálise no âmbito jurídico. Freud ao descobrir a sexualidade infantil, recalçada pela educação repressiva da época, defendeu que a criança possui sexualidade. No entanto, no discurso contemporâneo, especialmente quando se trata de abuso sexual, observamos que a sexualidade infantil ainda é um tabu, possibilitando interpretações equivocadas. A criança é idealizada segundo antigas concepções como “criança pura, inocente e assexuada”, devendo ser vigiada e protegida não só da sexualidade do adulto, mas da própria sexualidade. Por outro lado, a sociedade contemporânea vem produzindo instrumentos que sexualizam crianças e adolescentes – crianças travestidas como adultos sedutores, etc. Tal realidade produz um paradoxo junto à sociedade, pois ignora-se a possibilidade de pensar que esses instrumentos e as mensagens pornográficas pela mídia podem conduzir a criança a apresentar atitudes sugestivas de abuso sexual, sem que este tenha ocorrido, o que não afasta a responsabilidade do agressor quando realmente consumado. Portanto, questionamos o recalque da sexualidade infantil, que prevalece na atualidade nos casos de abuso sexual, buscando demonstrar que é possível pensar a sexualidade nesse contexto, uma vez que a criança é sujeito do desejo.

Palavras-chaves: Sexualidade Infantil; Abuso Sexual; Psicanálise.

### **Trauma e sedução diante das “falsas” memórias de abuso sexual na alienação parental: considerações a partir de Freud e Laplanche.**

– Arlene Mara de Sousa Dias (Psicóloga, Advogada e Doutoranda do PPGP/UFPA) e Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA).

Esta pesquisa objetiva compreender de que maneira a noção de trauma e sedução em psicanálise, a partir do pensamento de Freud e Laplanche, pode contribuir para lançar luz sobre as “falsas” memórias de abuso sexual no contexto da alienação parental, questão atrelada à realidade psíquica da criança, a qual pode deixar traumas e sequelas. No contexto, a mãe assume a condição de genitora alienante em grande parte dos casos, talvez pelo fato de ser a guardiã unilateral da criança com mais frequência. E, a partir de conflitos não elaborados a alienante acusa o ex-parceiro de praticar abuso sexual contra o filho de tenra idade – 03 a 07 anos – vindo este a não somente confirmá-lo, mas também acreditar na sua ocorrência, caracterizando “falsas” memórias de abuso sexual. Metodologicamente, caracteriza-se por uma pesquisa teórica em psicanálise, cujo principal referencial teórico é o pensamento de Freud e Laplanche, os quais desenvolveram a temática da sedução de forma peculiar, estreitamente ligada ao conceito de trauma. Em relação às mensagens inconscientes lançadas no contexto das

“falsas” memórias pelo alienador, a sedução é generalizada porque o próprio sedutor não sabe que está seduzindo através de suas mensagens inconscientes. Este trabalho chega à conclusão que é imprescindível reconhecer o caráter inconsciente das mensagens transmitidas pelo adulto sedutor, bem como que embora a criança não tenha a capacidade de compreendê-las, pode desenvolver trauma. Por outro lado, a criança é capaz de seduzir, haja vista que é dotada de sexualidade, porém, não com o caráter sexual de um adulto perverso.

Palavras-chaves: Trauma; Sedução; “Falsas” Memórias; Alienação Parental.

**Mesa-redonda: PULSÃO, ILUSÃO E CULTURA** (Coordenação: Márcia Cristina Santos de Souza)

Esta mesa pretende refletir acerca do conceito freudiano de ilusão, concebido como uma produção de sentido que se funda no desejo. Delinearemos uma analogia entre ilusão religiosa e ilusão medicamentosa valendo-se do argumento de que o uso cada vez mais elevado de medicamentos na infância vem ganhando um estatuto “divino” com ênfase na suposta onipotência das prescrições médicas em casos de crianças com diagnósticos de sofrimento psíquico grave, o que parece contribuir para diversas produções de sentidos ilusórios nos pais. Em seguida faremos uma articulação entre ilusão e ideal de amor romântico, sendo este concebido como uma ilusão coletiva que transformaria o desejo em crença. Trabalhou-se com a concepção de amor romântico proposta por Rousseau, buscando evidenciar sua atualidade enquanto visão de mundo ainda presente no imaginário cultural ocidental. Por fim, buscaremos evidenciar a articulação entre o conceito de ilusão e os conceitos de desamparo e sublimação, mostrando como a ilusão pode se articular como impulso criativo nos processos de sublimação. Evidenciaremos que a ilusão é a forma básica para proteger o sujeito do desamparo e da imprevisibilidade do desejo. Sendo a ilusão condição inerente ao existir do sujeito, caracterizaremos a mesma como remetendo a um jogo interno que o sujeito realiza para dar conta do seu desejo, para melhor viver e enfrentar um estado desamparo que insiste em se atualizar em um movimento contínuo. Seguindo o movimento dialético entre o sujeito do conhecimento e o objeto enquanto alteridade, cujo produto esperado é um *saber* que seja capaz de sustentar a existência do sujeito, destacaremos que é na positivação da tensão inerente ao conflito que surge neste campo que o saber se tornaria possível levando em consideração o fundo primordial de desamparo, que seria a condição de possibilidade do *desejo de saber*, mola propulsora da atualização deste *saber*.

**Medicalização da infância: uma ilusão de estatuto divino.**

– Márcia Cristina Santos de Souza (Mestranda do PPGP/UFPA)

Este trabalho é resultado das discussões e reflexões teórico-clínicas, efetivadas na disciplina intitulada “Tópicos Especiais – Freud: conflito e cultura”, o mesmo aborda questões em torno da medicalização excessiva na infância, destacando-se os casos de autismo, na atualidade. O número de diagnóstico de crianças com autismo aumenta

paralelamente com a quantidade de uso de medicamentos, porém um dado interessante se destaca, os psicofármacos que existem disponíveis no mercado não são específicos ao problema psíquico em questão. A teoria psicanalítica e a escuta clínica favorece a elaboração de reflexões quanto ao consumo e difusão massiva de psicofármacos no tratamento de sofrimento psíquico na infância, parece que o uso do remédio forja a construção de uma ficção, uma fantasia, sonhos diurno, que não são erros e nem mentiras, são projeções ilusórias do desejo frente ao “choque de realidade” a partir do diagnóstico de um transtorno ou uma síndrome grave. A literatura especializada aponta para dados que indicam que a prescrição da medicação é efetivada para diminuir ou melhorar a agitação, instabilidade de humor, perturbações no sono, entre outros sintomas comportamentais. Partindo de minha experiência clínica com os casos de autismo e tecendo conceitos em consonância com a proposição freudiana sobre gênese psíquica das doutrinas religiosas, buscou-se delinear uma analogia entre ilusão religiosa e medicamentosa, valendo-se do argumento que o uso elevado de medicamentos com crianças ganhou o estatuto divino. Destaca-se o lugar de onipotência das prescrições médicas, visto que há uma produção de sentido ilusório sobre os pais, que buscam tratamentos eficazes para amenizar os efeitos do diagnóstico psicopatológico sobre a criança e a dinâmica familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicalização; Autismo; Ilusão.

**Trilhas da existência: um ensaio sobre a função estruturante da ilusão.**

– Franklin Deyvys Gomes da Silva (Mestrando do PPGP/UFPA)

O presente trabalho versa sobre o conceito de ilusão em Freud, buscando evidenciar sua articulação com o conceito de desamparo e sublimação. Para tanto, tomaremos como norte de nossas análises os textos *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930), juntamente com as discussões empreendidas por alguns de seus comentadores. Evidenciaremos que a ilusão é a forma básica para proteger o sujeito do desamparo e da imprevisibilidade do desejo. Sendo a ilusão condição inerente ao existir do sujeito, caracterizaremos a mesma como remetendo a um jogo interno que o sujeito realiza para dar conta do seu desejo, para melhor viver e enfrentar um estado desamparo que insiste em se atualizar em um movimento contínuo. Seguindo o movimento dialético entre o sujeito do conhecimento e o objeto enquanto alteridade, cujo produto esperado é um *saber* que seja capaz de sustentar a existência do sujeito, destacaremos que é na positivação da tensão inerente ao conflito que surge neste campo que o *saber* se tornaria possível levando em consideração o fundo primordial de desamparo, que seria a condição de possibilidade do *desejo de saber*, mola propulsora da atualização deste *saber*. No campo das cadeias de representação, reduto do pré-consciente, caminharemos com Freud na busca de uma articulação entre as concepções de ilusão e razão, possibilitadas enquanto produtos desta positivação do conflito entre o sujeito do conhecimento e o objeto enquanto alteridade. Por fim, mostraremos como a ilusão se evidencia de forma estruturante como impulso criativo nos processos de sublimação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ilusão; Sublimação; Criatividade; Pulsão.

### **A ilusão no amor romântico.**

– Milla Maria de Carvalho Dias Vieira (Mestranda do PPGP/UFPA)

Este trabalho pretendeu apresentar o amor romântico como uma ilusão coletiva, ou seja, como produção psíquica em que há a transformação do desejo em crença. Assim sendo, partimos da premissa de que o sujeito segue a interpretação oferecida pelo ideal de amor romântico enquanto visão de mundo que visa protegê-lo do desamparo. Desta forma, trabalhou-se com a concepção de amor romântico proposta por Rousseau, buscando evidenciar sua atualidade enquanto visão de mundo ainda presente no imaginário cultural ocidental. A postura romântica de Rousseau pode ser observada quando ele propõe o reencontro com a origem, com a natureza e com o passado que foi perdido, ou seja, anterior à maldade gerada pela civilização. Desta forma, sugere uma sociedade ideal onde há a união entre cultura e natureza, sociedade esta que deve ser alcançada através da educação do homem para o amor. Rousseau, enquanto grande precursor do romantismo, propôs um projeto de reconstrução social que tem como base o ideal de amor romântico. Neste projeto, ele indica um “caminho” para o encontro com um amor feliz que se daria através de uma reconstrução social. Nesta proposta, o amor romântico pode ser definido como aquele que conjuga sexo, amor e casamento. Além disso, há exclusividade do objeto de amor cuja finalidade é o encontro com a felicidade. Diante desta perspectiva, neste trabalho buscamos evidenciar que o amor é uma ilusão coletiva que impõe aos indivíduos um código totalizante. Assim como toda crença ele pode ser mantido ou alterado e isto se deve ao fato de que o desejo supõe a imprevisibilidade e não a certeza. Neste sentido não haveria como evitar-se o desamparo, mas ao se deparar com a sua condição de desamparo, o sujeito poderia reinventar-se de acordo com a sua singularidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ilusão, amor, romantismo, desejo.

**Mesa-redonda: MITO, SEXUALIDADE E CULTURA** (Coordenação: Fúvio Roberto Farias da Silva)

A proposta da mesa-redonda é refletir sobre as relações entre os mitos de origem e sexualidade, e como os sistemas de valores de uma cultura participam na formação subjetiva dos sujeitos. O **primeiro** texto discute o embaraço que causado pela impossibilidade de responder a tudo, neste caso focando-se no autismo, recorrendo assim ao mito grego de Narciso e Eco, como uma possibilidade mítica de circunscrever na história e na cultura uma análise sobre o tema. Partindo do pressuposto freudiano de que o inconsciente desloca e condensa, as lembranças pretéritas, assim como a história para introduzir conteúdos recalcados. O **segundo** trabalho aborda a possível relação entre uma representação identitária cultural e seu respectivo roteiro de gênero, e a epidemia do HIV-aids entre as mulheres, vê-se que esta relação se faz presente desde a história de Eva, cuja recebeu o castigo de ter as suas dores de parto aumentadas e ser



submissa ao marido, é por meio do arcabouço que este Mito de Origem possui, que podemos vislumbrar como a sexualidade e às relações sócio afetivas, para além, da epidemia servem de formas para a manutenção de antigos temores e preceitos judaicos cristãos, que reaproxima o prazer sexual e o ideal de pecado. Por fim o **terceiro** trabalho aborda os mitos de origem e a sexualidade feminina com ressonância subjetiva, a partir da história de Afrodite, uma “mulher de programa” na meia idade. Desde Eva, o exercício da sexualidade das mulheres está assentado em discursos moralistas, misóginos e sexistas, que persistem ao longo do tempo em alimentar tabus e preconceitos, que acabam por culpabilizar as mulheres e enraizar-lhes o sentimento de culpa. Desta forma, os trabalhos buscam estabelecer discussões em que o mito possibilita advir o discurso subjetivo, entrelaçando a história do sujeito à cultura.

### **Narciso e eco: sobre uma análise mítica do autismo**

– Fúvio Roberto Farias da Silva (Mestrando do PPGP/UFPA)

O autismo é um transtorno do desenvolvimento ainda não claramente definido, associado a diversas síndromes, apresentando variados sintomas, por essa razão pode ser considerado hoje como um espectro de transtorno. No campo das ciências positivistas, o autismo é uma síndrome que se sustenta por hipóteses orgânicas, enquanto no contexto psicanalítico, é estudado levando-se em consideração a constituição psíquica do sujeito, para além da genética, mesmo que articulado a outros fatores psicopatológicos. Centrar o autismo no orgânico, por vezes leva a uma prática que foge de um exercício inovador, transformador de pensamento. Como se sabe, este exercício científico cria uma relação de poder entre os participantes dessa interligação, encontrando-se no discurso do mestre em que o Sujeito fica recalcado e o saber que se produz fica como gozo, esbarrando na desarticulação do sujeito com saber que se produz sobre ele. Logo o conhecimento produzido esbarra no Real do Sujeito e por estar desarticulado dele, não consegue levar o autista a um saber que no qual possa ser usado por ele. Para tanto, a proposta deste trabalho é aprofundar-se nesta instigante problemática, afastando-se dos sinais do imaginário de culpabilização que prevalecem em nossa cultura, de modo a reintroduzir os portadores da síndrome autística nas questões do sujeito, fixado ao gozo, para que possa emergir algo da ordem do desejo. Tomamos o Mito de *Narciso e Eco* para relacionar ao sofrimento causado no (des)encontro entre os personagens, que leva *Eco* a se isolar do mundo. Por fim, lembramos que a estruturação mítica em psicanálise, não se apresenta como uma hipótese a ser comprovada, mas se coloca como aquilo que colabora para sustentar o inapreensível apontando para a estrutura da própria linguagem e da subjetividade, buscando a construção de um saber articulado com o sujeito.

**PALAVRAS-CHAVES:** Mito; Discurso; Autismo.

### **Afrodite, de prostituta à deusa do amor**

– Maria do Rosário de Castro Travassos (Mestre em Psicologia/UFPA)

O texto discute as relações entre mitos de origem e sexualidade feminina, a partir de fragmentos da história de vida de Afrodite, uma “mulher de programa” na meia idade que entrevistei no Parque da Luz (S.P.). Desde Eva, o exercício da sexualidade das mulheres está assentado em discursos moralistas, misóginos e sexistas, que persistem ao longo do tempo em alimentar tabus e preconceitos, que acabam por culpabilizar as mulheres e enraizar-lhes o sentimento de culpa. A ambiguidade de Afrodite a situa em dois polos: de um lado a pecadora, que se tornou prostituta pelas contingências da vida, e de outro, a Santa, cumprindo o mito da maternidade que redime a mulher do pecado, tornando-se a rainha do lar, no qual se ignora seu ofício. Vemos que os mitos sociais são analogias à compreensão do mundo externo que, a partir da identificação, repercutem nos mitos individuais. Temos assim, que o marco da civilização articula moralidade e repressão. Analisando que um antagonismo entre o social e a vida pulsional, pode dar causa a problemas psíquicos, sobretudo os sexuais, de acordo com o código moral particular de cada cultura. Neste recorte, abordamos as representações da sexualidade, impregnadas da moral sexual judaico cristã, atravessada pelo imaginário de culpabilização da mulher.

PALAVRAS CHAVES: Mito de origem, Sexualidade, Feminilidade.

### **Quantas Evas a aids infectou?**

– Ocilene Fernandes Barreto (Mestre em Psicologia/UFPA)

Este ensaio trata da possível relação entre uma representação identitária cultural e seu respectivo roteiro de gênero, e a epidemia do HIV-aids entre as mulheres. De forma semelhante ao um estatuto, o conceito de gênero organizado pela cultura transforma corpos em entidades sociais e políticas; portanto, compreender a trajetória do HIV-aids entre as brasileiras passa pela decodificação dos signos e dos valores de gênero, principalmente os ligados à sexualidade e às relações sócio afetivas, não obstante, a epidemia serviu de instrumento para renovação de antigos temores e preceitos judaicos cristãos, reaproximando prazer sexual e o ideal de pecado. Segundo as sagradas escrituras, Eva, a suposta primeira mulher de Adão, recebeu como castigo o aumento das dores da maternidade e a submissão de sua sexualidade ao marido, forjando assim

um roteiro de gênero, no qual a sexualidade feminina é depreciada e a mulher é afirmada no espaço doméstico do patriarcado, ora no ideal de mãe, ora no ideal de esposa. Portanto, em uma epidemia que é predominantemente disseminada pela via sexual, é fundamental reconhecer o capital identitário do mito de origem e como o mesmo se faz presente e atual a ponto de interferir nos risco de infecção por HIV entre as mulheres.

Palavras-chave: Representação identitária, Mito de origem, Sexualidade, HIV-aids.

**Mesa-redonda: FREUD, CONFLITO E CULTURA: APROXIMAÇÕES**  
(Coordenação: Maurício Rodrigues de Souza).

Ao adotar como pressuposto a ideia freudiana de que a sociedade seria inevitavelmente marcada por um conflito insolúvel entre, de um lado, as demandas de ordem pulsional e, de outro, os necessários refreamentos impostos pela cultura de maneira a garantir a sua própria sobrevivência como território, ao mesmo tempo, da unidade e da diferença, a presente mesa-redonda detém como principal foco de interesse a apresentação, debate e atualização crítica das reflexões propostas pela obra de Freud acerca da constituição do espaço social em algumas das suas expressões fundamentais: religião, arte e instituições políticas. Nestes termos, abre-se aqui um campo nada desprezível de possibilidades de trabalho, presentes, por exemplo, na retomada da metodologia psicanalítica e do seu pressuposto de uma continuidade entre normalidade e patologia, nas noções de sublimação e narcisismo e nas suas possíveis implicações em termos de leituras do espaço social, nas inter-relações entre psicanálise e áreas fronteiriças, como a filosofia, a história e as ciências sociais, no conceito de pulsão de morte como ruptura de um modelo de subjetividade, no paradigma do sadomasoquismo na releitura freudiana do social e na tragicidade constitutiva da cultura e sua transmissão. Dito de maneira distinta, trata-se aqui de apresentar a abertura da teoria psicanalítica ao registro sociopolítico como valioso instrumento para interpretações do espaço social que sejam capazes de desvelar funções ideológicas do discurso. Com efeito, conceber as figuras de conflito como instrumentos de leitura da vocação ética das formações psicossociais significa reinterpretar estes mesmos discursos como essencialmente abertos à lógica da dissimulação. Neste sentido, a psicanálise gera uma psicologia social cujo exame se justifica pelo seu interesse não somente acadêmico, mas também clínico, ético e político.

**Alteridade em Foco: notas para um debate entre psicanálise e ciências humanas.**

- Maurício Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA).

As discussões acerca do outro e do necessário respeito às diferenças adquirem sempre renovada relevância, especialmente diante de recorrentes manifestações de racismo, xenofobia e exclusão social que, para além do seu caráter político e econômico, apresentam também nada desprezíveis componentes de ordem psíquica. Assim, o presente trabalho aparece voltado à questão da alteridade, a qual será tomada como mote para uma tentativa de diálogo entre a psicanálise e o campo mais amplo das ciências humanas. Em tal percurso será privilegiada aqui a perspectiva freudiana, o qual, em seu caráter fundador, introduziu uma ética bastante peculiar: aquela que ao tratar do outro não aborda exatamente um estranho, mas detecta a estranheza do Inconsciente enquanto inominável de nós mesmos. O caráter inovador da reflexão freudiana sobre a nossa própria desintegração se reveste de grande importância ao alertar sobre os perigos de projetarmos o estrangeiro alhures. Então, para além da reificação totalizante, da integração apressada e da perseguição irracional, torna-se possível pensar um outro desfecho no trato costumeiramente oferecido a ele: o acolhimento advindo da consciência de que a sua aflitiva estranheza é também a nossa. É nestes termos que podemos apostar na psicanálise como uma política cosmopolita de tipo novo. Afinal, sua solidariedade aparece fundada na consciência do inconsciente não como apelo à fraternidade, mas como reconhecimento do desamparo como condição última do nosso ser conosco e do nosso ser com os outros. Pois bem, advém daí uma ideia de inconclusão e, com ela, a lição da não-lição proposta pelo inquietante outro do inconsciente às ciências humanas como um todo. Ela reside em admitir a possibilidade do sentido, mas não necessariamente o seu encerramento, fornecendo assim uma expressão menos comprometida a um estrangeiro agora irreduzível a códigos preestabelecidos. Isto significa perceber que o conhecimento reside na alteridade, na abertura de espaços para o novo e mesmo para o desconcertante, incluindo-se aí tudo aquilo que escapa à procura racional: os afetos, as surpresas e, com eles, a sensação de uma angustiante – mas também potencialmente criativa - incompletude.

Palavras-Chave: alteridade; psicanálise; ciências humanas.

### **Violência e Cultura no Pensamento Freudiano.**

- Luciana Norat Coelho (Mestre em Psicologia pelo PPGP/UFPA) e Mauricio Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA)

Sem se caracterizar como um fenômeno novo, a violência é um dos mais discutidos e preocupantes nos dias atuais, ocasionando desafios nada desprezíveis para os diversos campos do saber e de pesquisa. Nestes termos, ao considerar as ferramentas conceituais ofertadas pela psicanálise como especialmente pertinentes para um debate sobre certos fenômenos coletivos, o presente trabalho detém como principal objetivo discutir os modos como a violência é abordada no pensamento de Freud, mais especificamente nas suas articulações com a cultura. Nos limites desta exposição priorizaremos a leitura pontual de alguns dos chamados “textos sociais” de Freud, com especial destaque aos trabalhos *Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte e Por que a Guerra?*. Tal linha de investigação conduz à conclusão de que a psicanálise, pontuando o caráter violento do estabelecimento da cultura e sustentando que a violência está na origem do poder, contrapõe-se a grande parte dos discursos que abordam a temática e que apontam para uma lógica que aparta bárbaros de civilizados, violentos de pacíficos. Deste modo, intentamos demonstrar que a psicanálise tem algo de singular a dizer sobre a questão da violência e, assim, sublinhar o que o discurso psicanalítico pode oferecer como alternativa aos discursos dominantes sobre o assunto.

Palavras-chave: pensamento freudiano; violência; cultura.

### **Literatura de Autoajuda, Sugestão e Contemporaneidade: uma leitura psicanalítica.**

- Mateus Abreu Pereira (Graduando em Psicologia e Bolsista PIBIC/UFPA) e Mauricio Rodrigues de Souza (PPGP/IFCH/UFPA)

Uma das principais características da contemporaneidade reside na pluralidade de discursos e valores, tendo como corolário a constante incerteza e desamparo do sujeito ante esta multiplicidade de interpretações sobre o cotidiano. Em tal contexto, um dos fenômenos que merece destaque é a alta popularidade da literatura de autoajuda, em que uma série de autores produz um discurso sobre a transformação do sujeito desorientado em um ser pleno de felicidade e sucesso pessoal. Para o alcance deste estágio, as obras do gênero propõem a repressão de comportamentos indesejáveis, processo este que incorre geralmente no uso de práticas de sugestão, criticadas por Freud desde antes do século XX por sua pouca eficácia em longo prazo. Nestes termos, o presente estudo, de natureza eminentemente teórica, teve por objetivo analisar, à luz da psicanálise, alguns dos mecanismos da produção discursiva da literatura de autoajuda e discutir que fatores

influenciam a ampla aceitação e a pregnância deste gênero literário na cultura contemporânea. Para tanto, utilizou como conceito principal o de sugestão enquanto mecanismo de influência psicológica. Conceitos outros, tais como aqueles de narcisismo e mal-estar na cultura, também foram trabalhados aqui, ainda que tangencialmente. De maneira complementar, também foi realizada nesta pesquisa a análise do conteúdo de uma obra de autoajuda no intuito de verificar empiricamente os achados teóricos obtidos na revisão da literatura. As conclusões do estudo apontam que a relação estabelecida entre autor e leitor no referido gênero literário, pautada por identificação e transferência, permite que o autor renove continuamente a promessa de conduzir o leitor ao sucesso. Esta relação é análoga àquela da terapia por sugestão, com o leitor tendo pouca autonomia para efetuar mudanças em si sem o auxílio do autor.

Palavras-chave: psicanálise; sugestão; literatura de autoajuda.

**Mesa-redonda: O FEMININO NA PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE, O GÊNERO E A MULHER** (Coordenação: Paula Affonso de Oliveira)

A proposta da mesa é fomentar as discussões acerca do feminino, termo cuja polissemia levou a constantes debates desde as primeiras formulações freudianas sobre o tema. Inicialmente travados no interior do próprio movimento psicanalítico, dividindo as correntes de Viena e Londres, o debate atravessou o século e expandiu-se para outras áreas de saber, amplamente incitado pelo Movimento Feminista e os Estudos de Gênero, convidando frequentemente a Psicanálise a posicionar-se sobre o tema. Tão atual quanto antes e ainda longe de ser um conceito unívoco, o feminino é destacado na mesa a partir de três linhas: associado ao desenvolvimento da feminilidade, o tornar-se mulher; às origens da sexualidade, inscrevendo a diferença entre os sexos e a alteridade; aos papéis de gênero e o impacto que tiveram e teriam ainda nas construções psicanalíticas. Para tanto, abordaremos o tema por meio de três perspectivas, sendo a primeira um debate acerca do feminino como proposto por Freud e do feminino nas origens da sexualidade infantil, a segunda pela via do gênero, apontando o impacto de tais construções na subjetividade feminina e a terceira, a análise da quebra dos ideais culturais de mulher que o diagnóstico de aids, uma doença marcada pelo fantasma da sexualidade, pode acarretar. Longe de tentar esgotar a polissemia do termo, as mesas procuram manter no horizonte a característica de abertura tão associada ao feminino para contribuir na discussão do tema.

**Do “negativo do masculino” às origens da sexualidade: reflexões acerca do feminino.**

- Paula Affonso de Oliveira (Mestranda do PPGP)

O presente trabalho busca discutir duas concepções de feminino na Psicanálise e suas repercussões teóricas, especialmente no que tange a questão da mulher. Na construção freudiana, o feminino é compreendido como o negativo do masculino, demarcando assim a presença de apenas um sexo, o masculino, cuja diferença quanto à presença-ausência do falo instaurariam a oposição fálico-castrado. A mulher, associada ao polo castrado, é marcada pela ausência de representação que as obriga a construir seu próprio referencial de feminilidade a partir dos ideais culturais. A outra concepção coloca o feminino nas origens da psicosexualidade: ao considerar a primazia do outro sobre a criança no início da vida, a simples existência de fantasias de penetração e da presença da vagina no adulto seriam suficientes para inscrever representação e marcação da mesma no corpo infantil. O conhecimento precoce da vagina levaria a possibilidade de pensar que esta teria representação inconsciente, instaurando uma sexualidade feminina orificial. A oposição demarcada inicialmente é a fálico-orificial, na qual o recalque opera e transforma defensivamente na oposição fálico-castrada. Retomar uma concepção de feminino cuja representação deixa marcas nas origens do psiquismo é afirmá-la enquanto posição que não pode somente ser referenciada como negativo do masculino, pois possui um caráter próprio e introduz, de fato, outro sexo, mesmo que este permaneça à margem. Considera-se, contudo, que, se por um lado esta concepção ainda inscreve no corpo a diferença, por outro demarca uma posição outra para o feminino e para a mulher.

**Palavras-chave:** feminino; sexualidade; falo; mulher; psicanálise.

**A princesa, o gênero e o desamparo.**

- Ocilene Fernandes Barreto (Mestre pelo PPGP)

A princesa encantada, que vive a espera de um príncipe encantado que vai salvá-la com um beijo, foi atendida na emergência de um hospital geral após uma tentativa de suicídio. Depois de telefonar para seu príncipe, queimou os pulsos com cigarro e tomou duas cartelas de comprimidos tarja preta, uma tentativa vil de finalmente consumir sua melancolia. O porto seguro que ela tem procurado com avidez, ao invés de salvá-la, esgarçou suas fissuras narcísicas. E a insígnia de gênero ainda parece preservar o fascínio de outrora dos contos de fadas e o emblemático “foram felizes para sempre”. Não obstante, para além da infundada e perversa lógica falocêntrica, articulada a partir do constructo social de gênero, o confronto com a feminilidade toma o sujeito de inquietação e horror diante à impostura de nossa finitude e incompletude. Logo, a feminilidade ao marcar a insuficiência radical do sujeito, tornar-se-á uma afirmativa inexorável do desamparo, revelando o erógeno pulsional. A escuta da princesa recordou o desamparo psíquico da mesma, bem como Narciso e suas ranhuras, mas também a toxicidade dos constructos de gêneros os quais a mulher moderna não está imune, e ao usa-los como alternativa para nossa inscorrobilidade poderia desencadear perigosos ataques melancólicos.

**Palavras-chave:** feminilidade; gênero; desamparo; melancolia; caso clínico.

**Zumira em ruínas: considerações sobre o diagnóstico da aids em mulheres.**

- Bárbara Araújo Sordi. (Mestre pelo PPGP e Docente da UNAMA)

A primeira década da epidemia da aids tem repercussões até os dias atuais: a imagem do paciente “aidético”, com corpo frágil, emagrecido, anunciando a morte, bem como a associação a transgressão e promiscuidade, herdeiras da concepção de grupo de risco. O imaginário social que ainda relaciona aids à síndrome de gays, prostitutas e drogaditos continua contribuindo para contaminação silenciosa entre mulheres, que, de maneira ilusória, acreditam estar imunes e protegidas do HIV. Este trabalho apresenta fragmentos de um caso clínico de uma paciente vivendo com aids. A análise do caso apontou que o diagnóstico para Zumira foi traumático e que a negativa foi um recurso psíquico utilizado para manter seus ideais identificatórios. Contudo, com avançar do adoecimento Zumira deparou-se com a perda de seu objeto de amor e com a quebra do seu ideal de mulher desejável, de esposa e de mãe, aproximando-se da imagem identitária contra qual lutava, a de mulher aidética, vivenciando intenso sofrimento psíquico que contribuiu para o surgimento de sintomas melancólicos, rompimento de laços sociais e sua desistência de viver. Considerou-se que a psicanálise foi um importante dispositivo clínico para reduzir o sofrimento psíquico da paciente, possibilitando alguma elaboração do trauma do diagnóstico e sua implicação no tratamento medicamentoso. Conclui-se, a partir da escuta estabelecida na clínica, que para Zumira, a condição de ser mulher na sociedade ocidental judaico-cristã e carregar um vírus com representações tão devastadoras culminou em uma combinação cáustica, conflitante, resultante em intenso sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** aids; mulheres; psicanálise; sexualidade feminina; ideais.

**Mesa- redonda: POTÊNCIAS ÉTICAS E POLÍTICAS DA PSICANÁLISE EM UMA ERA TOTALITÁRIA** (Coordenação: Ronildo Deividy Costa da Silva).

Esta mesa-redonda tem como objetivo colocar em pauta a discussão sobre as potencialidades éticas e políticas do discurso psicanalítico frente à uma era que se caracteriza, cada vez mais, como totalitária. Nos telejornais vemos diariamente, não sem um certo gozo, os sintomas da barbárie: endurecimento das políticas internacionais contra imigrantes, recrudescimento de ódios que “justificam” violências contra negros, pobres, mulheres, gays, lésbicas e transexuais, homogeneização das subjetividades a tal ponto que tendem a ter medo das diferenças. Negação da alteridade... Banalidade do mal... Nesse sentido, os trabalhos que compõem a mesa buscam situar-se em uma perspectiva que considera a psicanálise um discurso fundamental nesse cenário já que possibilita, mediante a afirmação da singularidade do desejo do sujeito, uma subversão



do e no sentido outrora inquestionável. O primeiro trabalho busca problematizar a velha ideia, que é inclusive a posição de alguns analistas, de que a psicanálise é somente uma técnica que nada tem a dizer dos fenômenos sociais sendo, portanto, apolítica. O outro trabalho levanta a possibilidade de articulação dos estudos de gênero com a psicanálise e questiona se, no interior dessa articulação, o termo “gênero” se configura como um conceito ou se tem um caráter meramente substantivo. Enfim, o último trabalho discute, a partir da análise do filme *Tomboy*, alguns aspectos e vicissitudes da constituição da transexualidade masculina tomando como referência os conceitos de narcisismo e complexo de Édipo.

### **Seria a psicanálise uma “educação para o conformismo”?**

- Ronildo Deividly Costa da Silva (Doutorando do PPGP)

A modernidade ocidental nasce sob um signo subversivo: o anarquismo de Proudhon, a cruzada de Nietzsche contra o platonismo e os valores cristãos e a crítica radical da dialética materialista de Marx. Como um “filho” ambivalente do projeto moderno, como a psicanálise se inscreve nesta tradição? Muito embora haja todo um debate sobre as possibilidades e limites da problematização da política na psicanálise, historicamente, ela sempre foi posta em contraposição ao que se costumava chamar de uma crítica da sociedade, tal como o marxismo o era. Ao contrário, ela figurava entre as concepções que se disponibilizavam “naturalizar” os mais diferentes absurdos: desde a sua caracterização como um produto da obsessão de Freud pelo sexo até a definição trotskista de que ela seria uma ideologia reacionária decorrente de uma pequena burguesia decadente. Se a psicanálise surge, com Freud, como uma radical crítica aos fundamentos da civilização moderna ocidental, qual a razão dessa inversão que possibilitou a destituição do potencial subversivo e transgressor da psicanálise e a tornou uma disciplina adaptativa no sentido de transformá-la em uma técnica instrumentalizante de modo que, com a medicalização da peste, a psicanálise foi assimilada, reconhecida e legitimada somente como um saber e prática psicoterápica? O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar, na medida do possível, quais foram (e continuam sendo) as condições subjacentes à transformação do discurso psicanalítico em uma disciplina eminentemente técnica quase que exclusivamente voltada ao tratamento das “perturbações” psíquicas.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Subversão; Modernidade.

### **Gênero e psicanálise: entre a possibilidade e a necessidade.**

- Paula Affonso de Oliveira (Mestranda do PPGP)

O conceito de gênero, criado no interior da Psicologia para designar o “sexo psicológico”, difundiu-se a partir da sua apropriação pelo Movimento Feminista. Inicialmente ainda associado ao estudo de mulheres, o termo foi difundido e, paulatinamente, incorporado por diversas correntes teóricas no campo das Ciências Sociais, tornando-se conceito. Longe de ter uma definição unívoca, as diversas correntes

que compõem os Estudos de gênero apontam o caráter de construção do mesmo, a partir dos significados culturais e das posições atribuídas ao sexo e ao gênero. Na Psicanálise, a relação mantida com o conceito é ambígua, ora criticada por manter o essencialismo nas formulações acerca do tornar-se homem ou tornar-se mulher, o caminho da masculinidade e da feminilidade, ora retomada como essencial para pensar a categoria no campo da subjetividade, é notável que a Psicanálise não tenha passado incólume neste campo. Parte-se, portanto, da noção de gênero na constituição da subjetividade, entendida como um processo permeado pelas identificações advindas das construções dos pais ou cuidadores acerca da criança, que começa desde antes do nascimento, move o desejo parental e atribui não somente um nome, mas toda uma posição dada a criança pelo outro. Contudo, questiona-se nesse trabalho se o gênero, para a Psicanálise, adquire *status* de conceito ou assume um caráter substantivo, empregado como mero substituto dos termos masculino e feminino, possibilitando a discussão acerca da necessidade do conceito de gênero para a Psicanálise.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Psicanálise.

### **“Tomboy”: reflexões psicanalíticas sobre a constituição da transexualidade masculina.**

- Alan Caldas da Cunha. (Mestrando em Psicanálise da Universidad Argentina Kennedy)

Esse trabalho tem como objetivo propor algumas reflexões psicanalíticas sobre a forma como a transexualidade masculina pode se constituir, tomando como estudo de caso o filme “Tomboy”, que conta a história de “Laure”, uma menina de 10 anos de idade, que finge ser menino e auto nomeia como “Michael”. O estimado trabalho configura-se sobre um método de pesquisa bibliográfico, partindo primordialmente dos textos freudianos e seus comentadores contemporâneos, fazendo um estudo psicanalítico que destaca primordialmente a constituição da subjetividade, tendo como foco o narcisismo e o complexo de Édipo. Primeiramente, a criança diante dos investimentos narcísicos da mãe e sendo objeto de desejo da mesma, começa a se notar como pessoa, mas é em frente ao rompimento dessa relação, podendo ser exercida pelo pai, que a criança se nota como parte de uma conjuntura social e assume a sua sexualidade. A descoberta do pertencimento do sexo gera diferentes formas de visualização do sujeito, influenciadas pela forma como o corpo irá se inscrever no inconsciente e dará um papel em seu romance familiar. Para o complexo de Édipo do menino, a resolução acontece quando descobre que não pode pertencer aos seus genitores, já para o sexo feminino existem dois momentos edípicos, sendo que a primeira fase será marcada pelo desejo da mãe e na segunda fase será pelo pai e rivalidade com a mãe. Diante desse ponto podemos destacar, que “Laure” mesmo sendo biologicamente do sexo feminino, tem a sua saída edípica como menino, buscando em sua aparência a identificação com o pai e buscando objetos de amor que repitam a sua mãe. Então tomando em vista o que foi trabalhado podemos visualizar como a diversidade da sexualidade propõe uma amplitude de conhecimento e discussão sobre a temática, levando a construção e busca pelo conhecimento do inconsciente e comprovando que a fantasia do sujeito vai para além do que se pode pensar.

**Palavras chaves:** Psicanálise, Transexualidade, Complexo de Édipo.

**Mesa-redonda: A PULSÃO E SEUS DESTINOS NA CLÍNICA DO AUTISMO**  
(Coordenação: Roseane Torres de Madeiro).

A proposta da presente mesa é promover um debate acerca da clínica do autismo, tendo como fio condutor o conceito de pulsão, especificamente o circuito percorrido pela mesma. Inicialmente, o primeiro trabalho da mesa irá discutir acerca do terceiro tempo do circuito pulsional, articulando-o a diferenciação entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, buscando mostrar sua articulação linguística com o campo da alteridade. O trabalho seguinte retoma a questão do terceiro circuito pulsional, partindo da hipótese de que o que temos no autismo é um circuito pulsional incompleto, havendo, portanto uma falha no terceiro momento do circuito em que o bebê teria que se fazer objeto para o outro. Como consequência disto, temos que para o nascimento do sujeito, há, portanto a necessidade de uma alienação no campo do Outro. Neste contexto, chamamos a atenção para a posição masoquista, fonte de desprazer, intervalo pulsional presente na constituição psíquica. O terceiro trabalho finaliza tal discussão, trazendo o circuito da pulsão invocante e a noção de voz como objeto *a*. Há igualmente três tempos do circuito da pulsão invocante e para que o sujeito se torne falante é preciso que haja uma passagem do som à voz, para que esta funcione como objeto da pulsão. Assim, supõe-se uma falha nessa passagem e na entrada do terceiro tempo do circuito, onde a voz não se separa como objeto *a* para se instalar como função psíquica. Concluimos, portanto que a clínica do autismo nos convoca a uma investigação no que tange a trilha que a pulsão percorre em seu circuito.

**Autismo e o circuito pulsional: o assujeitar-se do sujeito**

- Roseane Torres de Madeiro (Doutoranda do PPGP e Docente da ESAMAZ), Ingrid Figueredo Ventura (Doutoranda PUC/SP) e Roseane Freitas Nicolau (PPPG/UFPA).

No trabalho clínico com autistas, dois sinais se constituem como manifestações clínicas importantes, tidas como instaurações estruturais que fundam o funcionamento do aparelho psíquico, são elas, o não-olhar entre mãe e bebê, especialmente se a mãe não se dá conta disso; bem como o fracasso no circuito pulsional completo. Pretendemos neste trabalho partir da hipótese de que o que temos no autismo é um circuito pulsional incompleto, havendo, portanto uma falha no terceiro momento do circuito em que o bebê teria que se fazer objeto para o outro, isto é, assujeitar-se. Como consequência disto, temos que para o nascimento do sujeito, há, portanto a necessidade de uma alienação no campo do Outro. Para examinarmos melhor esta questão, podemos retomar os destinos pulsionais freudianos de reversão a seu oposto e retorno em direção ao próprio eu, os quais ambos referem-se também ao par sadismo-masoquismo, indicando que há no circular da pulsão um passeio entre as posições de passividade e de atividade. Chamamos a atenção aqui para a posição masoquista, fonte de desprazer, intervalo pulsional presente na constituição psíquica. Desta forma, perguntam-nos: para tornar-se sujeito é preciso assujeitar-se, e com isso ocupar uma posição de passividade diante do Outro? A posição masoquista é condição para o advento do sujeito? Estas são as questões a partir das quais irão girar a discussão a que se propõe o presente trabalho.

**Palavras-chave:** Autismo; Circuito pulsional; Masoquismo.

**A pulsão e seu circuito: entrelaçamento e possibilidades.**

- Franklin Deyvid Silva (Mestrando do PPGP)

O presente trabalho visa discutir a concepção de circuito pulsional proposta por Jaques Lacan em seu seminário 11 “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Nosso intuito é refletir acerca do terceiro tempo do circuito pulsional, condição de fechamento do circuito e possibilidade de satisfação da pulsão, uma vez que é aí que o sujeito se enlaça no campo do outro. Deste modo, nos afirmará Lacan que é somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. Este retorno em circuito da pulsão sobre o corpo parece implicar certo (re)conhecimento: em sua primeira parte o circuito solicitaria a assunção da alteridade, na disposição em retorno solicitaria uma aposta no sujeito. Destacamos que o conceito de pulsão é um dos alicerces do edifício freudiano, um dos mais polêmicos de seus conceitos e ainda hoje um dos mais incompreendidos. Assim sendo, Buscaremos refletir como a noção de circuito proposta por Lacan ajuda a desdobrar e evidenciar as conceituações de Freud em seu texto de 1915 “As pulsões e seus destinos”. A diferenciação entre pulsões do Eu e pulsões sexuais feita por Freud também será objeto de nossa reflexão, buscando mostrar a relação entre estas conceituações e sua articulação lingüística com o campo da alteridade. Por fim concluímos evidenciando a função de aparelhamento do corpo que a pulsão engendra, aparelhamento este que não se restringe a automatismos, uma vez que se funda e se sustenta no campo do outro.

**Palavras-chave:** Pulsão; Satisfação; Linguagem.

**Do som às palavras: o que falha no autismo**

- Marcela Maria de Paiva Azevedo (Mestranda PPGP)

Este trabalho tem por objetivo, a partir da peculiaridade observada em crianças diagnosticadas com autismo, mostrar o quanto o não estabelecimento da voz como objeto pulsional é ilustrativo para compreender a relação da criança com o som. Para tanto, o circuito da pulsão invocante e a noção de voz como objeto a serão essenciais para esse percurso. A princípio, é preciso marcar que o que dá sustento para que a criança possa existir como falante é a relação com o Outro encarnado na figura materna, logo, quando se fala em invocação há a suposição de uma alteridade. Entretanto, mesmo antes de haver alteridade, o bebê é atraído pela fala melódica e prosódica de sua mãe dirigida a ele – “a voz da sereia”. Nesse momento, ainda que o bebê não tenha condições de entender o sentido do que lhe é falado, ele começa a ser pulsionalizado e erotizado pela voz, e aos poucos vai sendo tomado pelo funcionamento da linguagem. Logo, os três tempos do circuito da pulsão invocante se desenvolve da seguinte forma: 1) ser ouvido – momento passivo que corresponde ao tempo mítico do primeiro grito, que vai ser ouvido como apelo pelo Outro; 2) ouvir – o Outro aparece para responder a esse grito; 3) se fazer ouvir – tempo no qual o sujeito assume sua própria voz em vai em busca do

Outro. É necessário marcar que para que o sujeito se torne falante é preciso que haja uma passagem do som à voz, que faz com que esta funcione como objeto da pulsão e possa conjugar-se com o sentido e com a linguagem. Assim, supõe-se que nas crianças diagnosticadas com autismo há alguma falha nessa passagem e na entrada do terceiro tempo do circuito, onde a voz não se separa como objeto a para se instalar como função psíquica.

**Palavras-chave:** autismo; pulsão invocante; voz; objeto a.

**Mesa-redonda: PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL: CONSTRUÇÕES SOBRE UMA PRÁTICA POSSÍVEL.** (Coordenação: Susette Matos da Silva)

A mesa propõe apresentar três diferentes experiências que perpassam o campo da saúde mental em instituições públicas, trazendo para debate provocações feitas a partir do discurso da psicanálise em sua interseção com o social. Ora problematizando o fazer do psicanalista nos Centros de Atenção Psicossocial e sua posição a ser ocupada entre os *vários* de uma equipe; ou interrogando sobre os efeitos dos discursos totalizantes nestes serviços; ora apostando no discurso da psicanálise em sua função civilizatória e mediadora do mal-estar inerente ao ser humano, a pergunta central dos três trabalhos parece girar em torno do questionamento sobre o lugar do sujeito diante dos saberes e das verdades impostas seja pela ciência ou pelas políticas públicas de assistência. Para Lacan, a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala, posto que não é do significado que se trata, e sim do significante, da verdade do sujeito. A psicanálise não busca sentido, assim, o que o discurso da psicanálise trás como consequência são os limites do saber, sendo esse exatamente o ponto que sua ética se sustenta. Diferentemente das políticas públicas ou dos discursos científicos, sustentados pela ética do bem e em uma verdade universal, a ética da psicanálise e direção de tratamento é a do singular. Neste sentido, veremos proposições que se entrelaçam no ponto de defesa de uma psicanálise possível no campo do social.

Palavras-chave: psicanálise; instituição; saúde mental; discurso; ética.

**Sobre os efeitos da violência de um discurso**

- Susette Matos da Silva (Mestre em Psicologia pelo PPGP e Docente da ESAMAZ)

O campo da saúde mental é essencialmente heterogêneo e plural. São vários os discursos que circulam em torno de um *saber fazer* com o sofrimento psíquico, ainda que, saibamos, o discurso médico ocupe um lugar de evidência na assistência como um todo. Ocorre que, qualquer ciência, seja a médica, a psicológica, ou qualquer outra que faça uso de um positivismo lógico e crenças normativas acabam por se sustentar em posições eugenistas acerca de um saber verdadeiro. Em nome de uma razão, se aposta na produção de uma linguagem sem equívocos, deixando de fora tudo o que não corresponda a certa lógica de formulação de conhecimento. Mas quais os limites disso? Quais as consequências no campo da assistência em saúde mental da potência de tais discursos totalizantes? Quais as violências ainda cometidas aos sujeitos em nome dessas verdades? E o que pode a psicanálise diante deste cenário? Para Lacan, a psicanálise

encontra seu lugar na humanidade quando se ocupa justamente daquilo que a ciência exclui. Ela se difere das demais práticas porque não promete nada. Todas debitárias do discurso da ciência moderna, cujo enunciado *fora clui* o sujeito, a psicanálise, diferentemente, se dirige ao mesmo e, no um a um, o coloca a trabalhar.

Palavras-chave: psicanálise; instituição; saúde mental; discurso.

### **Por uma prática em saúde mental que não prescindia do subjetivo**

- Fúvio Roberto Farias da Silva (Mestrando em Psicologia do PPGP)

A psicanálise nos mostra que os processos normais e patológicos obedecem as mesmas regras psíquicas, abrindo campo de diálogo e estudos acerca da subjetividade humana que era, e continua sendo, cerceada pela visão biocêntrica de ciência, a qual busca estabelecer verdades psicológicas a partir do organismo humano, restringindo o sujeito ao seu corpo, e a subjetividade ao saber empírico científico. Contudo, vemos que o sujeito do inconsciente bate a porta diariamente das instituições de saúde mental, por meio de pacientes e seus familiares que sofrem, se entristecem, enlouquecem, enfim, que escancaram um mal estar e não (cor)respondem a esta imposição científico-social. Dentro deste contexto, este trabalho pretende demonstrar, a partir de uma experiência em um CAPS'i (Centro de Atenção Psicossocial Infanto- Juvenil) na cidade de Santana de Parnaíba (interior do estado de São Paulo), a importância da Psicanálise em instituições mentais, haja vista que, um psicanalista pode possibilitar uma escuta, por meio de uma prática entre vários, não só dos usuários, mas também a construção de um diálogo, dentro da equipe de saúde, que acolha a subjetividade dos pacientes e seus familiares, para além de seus corpos “adoecidos”, com a aposta de que estes possam vir a construir um saber sobre si.

**PALAVRAS-CHAVES:** Psicanálise; Saber; Prática entre vários.

### **Saúde mental na interface entre a clínica e a cultura**

- Sonia Cardoso Nascimento (Psicóloga em Portel, Marajó, SUAS)

Partindo da afirmativa de Jacques Allan Miller de que “Não há clínica do sujeito sem uma clínica da civilização”, o presente trabalho encontra coerência em apresentar a prática psicanalítica, através de um estudo de caso com uma família de crianças atendida no Serviço de Acolhimento, vinculado ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Tal serviço é parte integrante do programa de proteção social de alta complexidade da cidade de Portel, no Marajó, sendo pensado aqui como um dispositivo civilizador abrangente no seu alcance subjetivo de integrar uma possível clínica do sujeito e da civilização. Por se tratar de uma prática determinada pela Política Pública Federal que intenciona regulamentar, organizar e ofertar os serviços de acolhimento, apontando condições adequadas para a realização do cuidado, apostamos que a prática psicanalítica nos serviços públicos pode contribuir para o avanço civilizatório, tão necessário para a implementação da superação das situações de vulnerabilidade e risco extremos e primitivos que assolam as famílias nesta região do Brasil. As considerações

deste trabalho vão ao encontro de uma psicanálise que circula como discurso e faz aposta no laço social, permitindo ao sujeito a construção de experiências subjetivas reparadoras e de abertura para novas possibilidades de ser no mundo.

Palavras-chave: Psicanálise; saúde mental; políticas públicas; Marajó.

Mesa-redonda: CONEXÕES VIRTUAIS: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS NA ATUALIDADE (Coordenação: Paulo Roberto Ceccarelli)

A presente mesa propõe realizar uma reflexão acerca das novas formas de laço social na contemporaneidade, o que chamaremos de “conexões virtuais”. Investigando suas formas de subjetivação nos sujeitos inseridos no século XXI. O universo virtual viabilizado pelas atuais formas de tecnologias de mídia exerce considerável impacto no sujeito contemporâneo. Com isso, os autores sustentam a psicanálise como referencial teórico para podermos refletir os aspectos referentes às estas atuais formas de subjetivação oferecidas. Nesse contexto, a mesa propõe trabalhar a relação das conexões virtuais na psicanálise com três temas atuais: pornografia, fantasia e o preconceito. Nesse percurso, os temas atuais serão atravessados por conceitos psicanalíticos que visam viabilizar uma leitura destes fenômenos virtuais. Entre as questões apresentadas temos; a moral sexual e a pornografia como novas formas de expressar a sexualidade através das chamadas novas eras virtuais disponibilizados a partir das atuais ferramentas de mídias sociais, o surgimento do conceito de fantasia na obra freudiana e o fenômeno da internet, a fim de realizar um entrelaçamento sobre a realidade virtual e a realidade psíquica, e por fim, uma análise da inserção do negro na mídia evidencia a ausência em participações de destaque dos negros nesses espaços, revelando, a carência de referências identificatórias voltadas para a comunidade negra. Essas questões atuais nos levam a pensar em teorias que possam estabelecer uma conexão entre a psicanálise e as relações em torno das novas mídias sociais e suas relações com a cultura.

### **O advento da internet e suas influências na pornografia. Notas psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais.**

– Alberto Ribeiro Neto (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA)

O texto propõe trabalhar a relação entre a moral sexual e a pornografia disponibilizada na internet. A partir do arcabouço teórico psicanalítico como podemos nos posicionar frente ao vasto material pornográfico? Para tal, o autor investiga a moral proposta pela cultura e suas exigências de normatizar a sexualidade, investigando a pornografia como possibilidade de resposta às exigências sociais e como forma de descarga do sexual. Discutimos então, as influências de uma rede mundial, em que 35% de todos os *downloads* são de conteúdo pornográfico, tem proporcionado ao consumidor que possui acesso privado à pornografia. Observamos que foram possíveis com as chamadas novas eras virtuais, disponibilizar a partir das atuais ferramentas de mídia, abertura para criações de produções marginais, onde esta foge às paradigmáticas representações da

sexualidade. A rede permite interatividade tal que todo consumidor se torna um potencial produtor pornográfico, permitindo novas formas de criação, possibilitando a observação das fantasias que compõem os objetos pornográficos. Para tal investigação, faço uso do autor Robert Stoller, um dos poucos teóricos da psicanálise que, ao enveredar pelo tema da pornografia, descobre ali uma fonte confiável para a investigação da sexualidade humana, ao perguntar-se sobre o papel da pornografia na vida erótica dos seres humanos, traz dados etnográficos importantes em pornografia, buscando exemplos e interpretações, que levam constantemente aos problemas da constituição da vida erótica, enlaçando-a com conceitos como de fantasia, perversão e gênero.

### **Realidade virtual x Realidade psíquica.**

– Gessé Duque Ferreira Oliveira (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA)

Atravessados pela psicanálise, procuramos desconstruir as chamadas realidades virtuais, com o intuito de compreendermos os elementos que as sustentam. Elas deveriam ser desconsideradas ou demonizadas pelo fato de não possuírem “corporalidade” ou “materialidade”? A dinâmica psíquica de um sujeito ora online ora offline apresenta diferenças significativas? Estaríamos vivendo uma era narcísica mediada pela virtualidade, ou a virtualidade é apenas uma nova roupagem de modalidades narcísicas de relações objetais? Para tentar responder a esses questionamentos, primeiramente, realizamos um breve percurso sobre o surgimento do conceito de fantasia na obra freudiana, para isso buscamos resgatar, em sua obra, desde a Teoria da Sedução, na qual Freud acreditava que a histérica e o obsessivo haviam sido vítimas de uma sedução sexual real por parte de um adulto, para depois perpassamos para a descoberta da fantasia, verdadeira realidade psíquica para o neurótico, com utilização especial do artigo “O poeta e o fantasiar”, como qual faremos uma breve comparação na sequência criança, escritor e internauta. Depois realizaríamos uma breve apresentação sobre o fenômeno internet, para então, realizarmos um entrelaçamento sobre a realidade virtual e a realidade psíquica, utilizando o filme “Her” de Spike Jonze, no qual o personagem principal Theodore se apaixona por um Sistema Operacional (OS).

### **O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais.**

– Robenilson Moura Barreto (Mestrando do PPGP/UFPA) e Paulo Roberto Ceccarelli (PPGP/UFPA)

A análise da inserção do negro na mídia evidencia a ausência em participações de destaque dos negros nesses espaços, revelando, a carência de referências identificatórias voltadas para a comunidade negra. Ao mesmo tempo, as redes sociais vêm oferecendo alternativas de informação, de divulgação e de produção de noticiários sobre a comunidade negra. Se, por um lado, essas possibilidades produzem inserções sociais e favorecem o processo emancipatório da cultura negra, por outro lado, elas podem acirrar o preconceito ao produzirem maior visibilidade dessa população. Nesse trabalho,



pretendemos discutir em que medida as conexões virtuais afetam as construções subjetivas da população negra, ao apresentarem novas perspectivas identitárias para esses sujeitos. Propomos que essas novas redes sociais fornecem referenciais identificatórios, poucos explorados e fecundos à abertura de interpretações, que nos fazem pensar o limiar entre o mundo virtual e o mundo psíquico. Investigamos assim, as atuais formas de mídia e suas formas de subjetivação nos sujeitos contemporâneos, a partir de uma compreensão dos aspectos referentes à internet, pensaremos os processos de emancipação da cultura negra, proporcionado pela sua visibilidade nesse novo espaço, assim como, demonstraremos no paradigmático “Caso Maju”, amplamente discutido e debatido no âmbito virtual e das redes sociais, os preconceitos agora expostos.

## PAINÉIS

### **A crônica e a casa assassinada: o discurso da feminilidade freudiana em Lúcio Cardoso.**

Glleyce Clivia Vinagre Santos, Jessica Samantha. Lira Da Costa e João Paulo Cordeiro Ferreira

O presente artigo tem por objetivo realizar uma leitura com base na perspectiva psicanalítica, centrada na Teoria da Feminilidade de Sigmund Freud, do longa-metragem *A casa assassinada* (1971), dirigido pelo cineasta Paulo César Saraceni, uma vez que este é baseado no romance de Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada* (1959). A análise busca a elucidação da personagem Nina, tendo em vista que esta ocupa lugar central na narrativa e apresenta traços que corroboram para a teoria freudiana. Posteriormente, será esboçada uma breve relação entre cinema e psicanálise, no que diz respeito a interlocução entre ambos na área de estudos psicanalíticos. No entanto, antes de fazermos esta relação entre cinema e psicanálise, em diálogo com o romance *Crônica da casa assassinada*, desenvolveremos uma breve análise de dois pontos que consideramos ser determinantes para que, de fato, ocorra o processo de feminilidade na narrativa: os múltiplos pontos de vista dos narradores e, principalmente, o alto grau de representatividade no romance. Também, abordaremos como ocorrera o processo de evolução estilística na composição literária cardosiana até que o autor chegasse a produção de sua obra-prima *Crônica da casa assassinada*. Por fim, pode-se constatar que Nina, personagem principal da narrativa, encarna a feminilidade em seu arranjo existencial, levando em consideração que a todo instante ela atua de maneira a se inscrever enquanto sujeito. Concluímos, dessa maneira, que a construção composicional da *Crônica* é, sem dúvida, a obra-prima do escritor mineiro. E, acreditamos que a feminilidade é uma problemática central no romance.

**Palavras-chave:** Feminilidade; Psicanálise; Literatura.

### **A psicanálise freudiana e a perversão sexual: fetichismo.**

Priscila Carvalho de Carvalho, Tainá Albuquerque Bicelli e Vivian Rodrigues Silva

O “mundo das perversões sexuais” pode ser intrigante para muitos na sociedade. Por que o sujeito precisa sentir dor para experienciar o prazer? Ou o inverso, por que o sujeito precisa infligir dor ao outro para conseguir o seu próprio prazer? Porque colocar um objeto sexual na relação com o outro? Indagações assim conflitam com a normatização sexual da sociedade em que vivemos. Segundo os manuais de psiquiatria do ano de 1850, condutas sexuais como: homossexualidade, pedofilia, pederastia, fetichismo, sadomasoquismo, transvestismo, narcisismo, autoerotismo, exibicionismo, voyeurismo entre outras, eram classificadas como “anormais”. Seria o praticante um doente? Pretende-se nesse trabalho responder a seguinte indagação: “O que a literatura Psicanalítica Freudiana tem a dizer sobre a perversão sexual nominada fetichismo?” Caracterizado como uma pesquisa qualitativa, exploratória, pautado pelo modelo metodológico da psicanálise, este trabalho apresenta o percurso histórico de Freud sobre o seu conceito de Fetichismo no que tange às perversões sexuais. Partindo desde as discordâncias de Freud em relação ao discurso psiquiátrico, sobre as ditas perversões sexuais elencados na sua obra “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905, até ao texto “Fetichismo” de 1927, em que o pai da Psicanálise conclui o seu conceito sobre essa temática. Busca-se, desta forma, trazer aos leitores, subsídios para a discussão sobre a possibilidade de existir outros olhares sobre o Fetichismo, que por diversas vezes é considerado um tabu.

Palavras chave: fetichismo, perversão sexual, sexualidade.

### **A questão da lei na psicanálise e no direito: divergências entre os saberes.**

Daniele Tremura, Camila Moraes e Débora Pinto.

Este trabalho traz como método teórico a psicanálise, que a partir dos conceitos freudianos e de seus comentadores, se objetivou analisar a questão da lei, discutindo o que seria a lei para o âmbito jurídico e a Lei para a psicanálise. Para tanto, utilizou-se como embasamento principal o texto freudiano *Totem e Tabu* (1912-1913) onde Freud lança a conjectura de que o ato fundador da sociedade humana foi o assassinato do pai da horda primitiva pelos próprios filhos. Sendo de suma importância ressaltar, que o ato criminoso, é que instaura uma Lei na cultura, de modo a civilizá-la e organizá-la. Em seguida, o crime cometido, ao invés de autorizar os filhos a esposar as mulheres da horda, fez com que estes, pela via da culpa, internalizassem a Lei paterna e nesse sentido, o pai primevo mesmo morto é referenciado a uma autoridade simbólica, que por sua vez, estabelece uma lei: não matarás teu pai, nem desposarás de tua mãe. Logo, é o incesto e o parricídio que fundam a cultura e que institui a Lei para a Psicanálise. Já a lei na questão jurídica, parte da ordem geral, sendo tomada como obrigatória pela força coercitiva do Estado. Estas são algumas das questões com as quais se pretende dialogar com a Psicanálise, a qual se debruça em analisar o sujeito em sua particularidade e a internalização da Lei Simbólica, enquanto o Direito, por sua vez, regulamenta as normas que impõe a lei ao sujeito como universal e absoluta.

**Palavras-chave:** Lei. lei. Castração. Psicanálise.

### **Entre a serpente e a estrela: discussões sobre feminilidade em Freud.**

Hellen Cristina Queiroz de Freitas, Hilda Cristina Queiroz de Freitas e Letícia Silva Madonado Cunha

Sigmund Freud, sempre usou diferentes manifestações artísticas para abordar os mais variados assuntos, aproximando a psicanálise desse campo, embora resguardando os limites de ambos. Nesse sentido, investigações acerca do olhar psicanalítico sobre o feminino suscitaram interesse sobre a forma como se canta esse universo na música brasileira. Tendo em vista se tratar apenas de um ensaio foi eleita a música *Entre a serpente e a estrela*, de Zé Ramalho, como uma forma de trazer à tona nuances da feminilidade apontadas na obra freudiana: castração, amor e mistério. Resumidamente, no início, o eu-lírico descreve imagens sobre o universo feminino caracterizado por brilho, mistério e certa dor, o que compreende estar entre “a serpente” e “a estrela”. Em seguida, revela um cenário de admiração vivenciado, a partir do qual a dor surge como uma ausência do ser amado - “duro feito um diamante” - tratando-se de dor dilacerante e ilusória. Por fim, o eu-lírico se identifica como quem - no presente - esconde a dor e a esperança da chegada de “um bem querer”, embora conviva com a existência de um porvir no qual haja o retorno do devir através de um “semblante de mulher”. Lança-se um convite a encontrar esse labirinto, sem, contudo, ter a pretensão de conhecê-lo por inteiro.

Palavras-chaves: feminino; mistério; psicanálise.

### **O lugar da criança na clínica psicanalítica: um olhar Kleiniano.**

Luan Sampaio Silva

O objetivo desse estudo é compreender como se deu a inserção da criança na clínica psicanalítica e como se instaurou a possibilidade de sua análise através da técnica do brincar, sob uma perspectiva kleiniana. Nos primórdios da psicanálise, a teoria e técnica da análise em crianças foi um campo inexplorado. Freud, ao acompanhar um caso de uma criança de cinco anos, acometida de uma fobia, conhecido como o “caso do Pequeno Hans”, abriu a possibilidade para a investigação desse campo. O êxito na condução desse caso apontou que seria possível a análise de uma criança pequena e pode comprovar a existência das tendências pulsionais infantis, que até então Freud havia descoberto nos adultos. Algumas psicanalistas, como Hermine von Hug-Hellmuth analisaram crianças, porém não produziram um arcabouço teórico que desse suporte para tal prática. Diante desse impasse, os dois métodos que surgiram para dar suporte à clínica psicanalítica com crianças foram representados por Anna Freud e Melanie Klein.

Foi a partir de 1912, que Melanie Klein, ao analisar o caso Fritz, se aprofunda nos estudos psicanalíticos e desenvolve uma técnica que possibilita a análise com crianças: o brincar. Através do brincar a criança tem a possibilidade de manifestar suas fantasias e seus conteúdos inconscientes, de modo que se instaurou um lugar próprio para a criança na clínica psicanalítica: a de um sujeito analisável. Nesse trabalho, será feito um breve estudo de como se deu a inserção da criança na clínica psicanalítica, através da revisão da obra bibliográfica de Melanie Klein e seus comentadores.

Palavras-Chave: psicanálise; melanie Klein; criança; brincar.

### **O nível superior e seus conflitos: a fotografia como mediadora da fala.**

Adrielle Santa Rosa do Rosário, Anne Caroline Sousa e Souza, Ciro Cesar da Silva Lopes, Fernanda Cybelle Gomes Sena, Maíra de Maria Pires Ferraz, Maria Izabel da Cunha Araújo, Patricia do Socorro Daibes Oliveira, Raissa Bruna Ventura dos Santos e Suzana Souza Pastori

O presente trabalho é resultado da pesquisa realizada na clínica de psicologia da UFPA, de junho/2014 a junho/2015 com estudantes da UFPA provenientes do interior da Amazônia. A pesquisa foi coordenada pela professora Suzana Pastori e teve como objetivo a investigação das dificuldades encontradas por estudantes que deixam suas cidades e suas famílias, no interior, para estudarem na UFPA. Também foi objetivo da pesquisa, as consequências psíquicas do sofrimento gerado pelo deslocamento geográfico, além do tratamento psicoterapêutico grupal destes estudantes. Como referencial teórico foram utilizados textos de Freud e René Kaës. Para o atendimento foi utilizada a técnica que utiliza a fotografia como objeto de mediação, facilitando a expressão de experiências difíceis de serem expressas em palavras. Para este fim foram estudados textos de Claudine Vacheret, Pablo Castanho e Cristiane Abud. O desenvolvimento da pesquisa constou da divulgação, construção dos dossiês de fotos, atendimento psicoterapêutico, estudo teórico e discussão clínica. Como resultado pode-se constatar que algumas dificuldades da vida acadêmica e da vida em Belém puderam ser enfrentadas. Além disto, a pesquisa possibilitou a constatação de um importante aspecto relacionado ao ingresso na universidade como fator de transformação e acesso a um nível supostamente superior. O ímpeto de mudança que impulsiona o ingresso na universidade é determinado por um ideal construído, muitas vezes, por uma coletividade, o que tem como consequência o aspecto da conquista, mas que pode também ser gerador de conflitos pela diferença que gera em relação aos “seus”, “por se ter ido além do pai”.

**Palavras-chave:** psicanálise; fotografia; atendimento terapêutico grupal.

### **Os efeitos subjetivos do diagnóstico de autismo e sua interferência no tratamento.**

Anna Carolina Tavares Braga Damasceno, Rafaela Frazão de Souza e Profa. Dra. Roseane Freitas Nicolau

O trabalho foi forjado a partir da experiência de escuta na sala de espera, no contexto do projeto *Psicanálise na Interdisciplinaridade*, desenvolvido no Projeto Caminhar do Hospital Bettina Ferro de Souza e no anexo CASMUC (Centro de Atenção à Saúde da Mulher e da Criança). Nele são atendidas crianças com síndromes neurológicas graves, incluindo também aquelas que são diagnosticadas como autistas. Este trabalho tem como objetivo problematizar a questão diagnóstica, trazendo à tona a banalização do mesmo, e a falta de concordância existente entre profissionais da área médica, como psiquiatras e neurologistas, bem como entre psicanalistas, filiados a linhas teóricas diferentes. Neste momento preliminar da pesquisa observamos os diferentes efeitos gerados nos pais e nas crianças pelo diagnóstico. Neste curto período de observação notamos que, na maioria dos casos, o efeito do diagnóstico (muitas vezes precipitado) pode ser negativo. Vale ressaltar que somado ao diagnóstico precipitado existe ainda um embate entre discursos de saberes médicos, psicológicos e psicanalíticos, que pode interferir negativamente no tratamento, pois o mesmo dificulta o direcionamento do sujeito para uma intervenção. Tendo em vista os efeitos do diagnóstico é importante problematizar e estudar essa questão para que a sociedade como um todo perceba a implicação que o diagnóstico traz consigo.

Palavras- chaves: Autismo; Diagnóstico; Escuta Psicanalítica.

### **Psicanálise e música: o inseparável sentimento de culpa.**

Joyce Naomy de Moura Konno, Aila Bianca Lima Silva e Roseane Torres de Madeiro

O presente trabalho tem como pano de fundo a proximidade entre a música e Psicanálise. Assim, o mesmo se propõe a analisar a letra da música *Culpa de Estimação*, de Cazuza e Frejat, à luz da Psicanálise, no intuito de desenvolver o conceito de sentimento de culpa. Em sua letra, Cazuza e Frejat tratam a culpa como uma “companheira inseparável”, “religiosa por formação”, que lhes diz para serem “bons”. Estes trechos nos remetem as contribuições teóricas de Freud acerca do sentimento de culpa. Embora Freud tenha teorizado acerca da culpa em vários de seus textos ao longo de seu percurso teórico, aqui limitamo-nos a nos debruçar apenas sobre o escrito de 1930, intitulado *Mal-estar na Cultura*; enfatizando as origens do sentimento de culpa, o supereu como instância psíquica, as exigências da consciência moral, assim como a funcionalidade da culpa no desenvolvimento da cultura. Temos então que Cazuza e Frejat nomeiam a culpa como de estimação, e na mesma direção Freud a supõe como constitutiva, visto que é em função dela que a cultura se edificou. No entanto, interrogamo-nos: não é possível então ao sujeito se (des) culpar? É, portanto a esta questão que o percurso deste trabalho pretende seguir.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Mal-estar; Sentimento de culpa.

### **Sobre um olhar para a psicose na perspectiva freudiana**

Luan Sampaio Silva

O objetivo desse estudo é ancorar a relação entre narcisismo e psicose, fundamentando-se a partir da perspectiva freudiana. Reconhece-se, em um primeiro momento, até o artigo de 1914, que o narcisismo corresponderia a uma espécie de perversão, ou seja, a escolha do próprio corpo como objeto de investimento pulsional. A partir de uma determinada nova concepção, a experiência narcísica deixa de ser compreendida deste modo e passa a ser indicada como aspecto primordial de constituição da subjetividade. Neste contexto, considera-se a psicose como consequência de uma impossibilidade do sujeito de investir libido para além de seu próprio corpo, como se ele estivesse fixado nessa primeira fase e não avançado para um momento posterior em que pudesse estabelecer uma outra relação com a realidade exterior, passando a investir para fora de si. Sabe-se, portanto, que muita teoria e prática psicanalíticas já foram e continuam sendo pensadas e construídas ou reconstruídas a respeito das Psicoses. Mas o que podemos encontrar teoricamente nos textos freudianos a respeito desse campo tão complexo que é a condição psíquica psicótica? Assim, aqui será feito um ensaio de releitura visando trazer à tona a possibilidade de novas discussões sobre o tema proposto, partindo sempre do ponto de vista de Freud e alguns de seus comentadores na contemporaneidade.

Palavras-Chave: narcisismo; sexualidade; psicose.

### **Discursos sobre a aparência dos filhos negros: mães quilombolas, psicanálise e cultura.**

Willivane Ferreira de Mello

Este trabalho pretende refletir sobre os discursos recorrentes de mães quilombolas do município de Santarém, estado do Pará, em relação às características fenotípicas dos filhos negros. Baseando-se, em especial, nos conceitos de estágio do espelho, alienação e narcisismo, o trabalho desenvolve uma articulação entre os discursos atuais e o contexto histórico de escravização pelo qual foi submetida a população africana no Brasil. Parto do pressuposto de que as comunidades quilombolas são localidades da diáspora africana nas Américas, cuja dispersão não se deu por condição de refugiados ou à procura de melhores condições de vida, como ocorreu com outros povos, mas foi baseada em um sistema de escravização transatlântica. Ao se tratar de cultura no contexto da sociedade brasileira, não se pode ignorar os quase quatro séculos de sistema escravagista por meio do qual esteve submetido o país, cujas marcas precisam ser consideradas para se produzir um pensamento crítico sobre a articulação entre Psicanálise e

cultura. Os significantes culturais de um sistema escravagista tiveram implicações nos discursos manifestos atuais das mães quilombolas, fazendo parte de um sintoma social, atrelado ao laço discursivo que organiza a cultura. Tratar da relação entre mães, crianças e jovens dessas comunidades é também rememorar os significantes aos quais as mulheres escravizadas e suas descendentes foram submetidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** quilombola; escravidão; narcisismo; alienação; significante.

### **Juventude e sexualidade – o papel do outro para a construção da subjetividade, em Winnicott.**

Caroline Pinheiro Lobato

A construção da subjetividade é processual e, por meio de um continuum de vivências e experimentações em intrínseco contato com o outro, o sujeito se abre à possibilidade de reconhecer sua singularidade e sua diferenciação perante os demais, apropriar-se dos elementos culturais e agir sobre o mundo, modificando-o e por ele sendo modificado. Conforme afirma Winnicott, esta relação objetal tem seu início na realidade compartilhada, que é o lugar onde os objetos concretos existem e relacionam-se entre si. O presente estudo objetivou compreender quais elementos presentes na realidade compartilhada apresentaram crucial importância na construção da visão que os jovens possuem atualmente a respeito de temas ligados a sexualidade. A metodologia utilizada foi o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), o qual permitiu que a coleta dos discursos enunciados, ocorresse em contextos familiares, que por sua vez, possibilitaram maior espontaneidade aos participantes durante os relatos e, ao pesquisador, maior atenção à linguagem pronunciada pelos mesmos. O MEDS utiliza-se da técnica clínica da Livre Escuta a qual viabiliza a captação dos aspectos importantes da fala. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas sobre a temática da sexualidade com 15 jovens na faixa etária de 18 a 25 anos, residentes na região metropolitana de Belém. Os jovens foram classificados aleatoriamente após um ciclo de entrevistas, sendo ordenados de P1 a P15, as quais apresentaram temas como primeiro namoro e primeira relação sexual, bem como os conflitos vivenciados durante os mesmos. Os resultados apontaram que as principais influências presentes na realidade compartilhada dos jovens para a construção subjetiva acerca dos referidos temas foram: as trocas de experiências durante as relações objetais com os amigos, familiares e com a mídia. O estudo apontou que o círculo de amizade possui grande importância na maneira como os jovens compreendem seus relacionamentos e o que buscam nele. O contexto familiar também possui papel fundamental nesse processo, sobretudo quando abordados sobre as temáticas da experiência sexual e do matrimônio. A mídia se mostrou fortemente presente nos relatos subjacentes, uma vez que, acompanhou os jovens por sua infância e exerceu grande poder de influência na formação de sua subjetividade: tanto em relação a sua autoestima, quanto na maneira como acreditavam que deveriam se comportar. Dessa forma, fragmentos daquilo que os jovens receberam daqueles com quem se identificaram na realidade compartilhada foram alvo de sua energia *agressora*, isto é,

conforme Winnicott, de seu potencial para analisar e assimilar as características de um objeto, e em seguida, agregar-se-ão às concepções já existentes, criando novos posicionamentos, dentre os quais podem ser elucidados aqueles que emergiram por meio do presente estudo.

**Palavras- chave:** Juventude; sexualidade; Psicanálise; Winnicott.